

Minha garota e eu¹
Jacques-Alain Miller

Hoje, 14 de julho, teria sido o momento de estar em Paris... se estivéssemos em 1789. Porém em 1989, isso não se reveste do mesmo interesse; ao contrário, encantou-me a ideia de estar hoje aqui. Mas não esqueçamos que hoje é 14 de julho. E como o nosso tema é "Minha garota e eu", falaremos também de "Minha garota e eu na Revolução Francesa". Em janeiro desse ano, apresentei em meu seminário uma leitura da vida amorosa do filósofo que foi um dos principais inspiradores dos mais radicais revolucionários, Jean-Jacques Rousseau. Talvez fale hoje, até o final, do ponto de vista de Rousseau no que concerne à "Minha garota e eu". Sua garota se chamava Madame d'Houdetot. Antes, para nos divertirmos nesse dia de festa francesa, passaremos por três exemplos, três casais: o casal formado por Manon Lescaut e o cavalheiro de Grioux; trata-se de uma novela francesa do século XVIII, escrita pelo abade Prévost. Mas começaremos com Eva e Adão. Após os elementos lógicos e pseudológicos da vez passada, será um pequeno teatro. Na verdade, há um casal famoso na história argentina que também poderia ser estudado, mas não tenho competência necessária para isso. Creio que vocês me entendem.

Adão e Eva

A palestra que dei o ano passado no Simpósio teve conseqüências para mim. Ela foi bastante improvisada; apenas um ou dois dias antes havíamos decidido o tema dessa Jornada, e me diverti tentando situar algumas linhas gerais

da lógica da vida amorosa a partir dos textos de Freud. Esse ano em Paris, em algumas reuniões do meu curso, continuei desenvolvendo esse tema que hoje resumirei e ilustrarei.

Ontem propus: o amor como repetição e o amor como invenção. O tema poderia ser estendido e incluir a compulsão de repetir, noção freudiana cabalmente em seu lugar, por exemplo, na neurose obsessiva. Para ver no que dá, poderíamos inventar a noção de compulsão de inventar. Há exemplos da história da ciência nos quais notamos, em alguns sujeitos, essa compulsão de inventar. Certamente Freud tinha essa compulsão, se podemos admiti-la. Lacan também. Talvez no futuro possamos ampliar a lista dos conceitos fundamentais e inscrever como quinto, após o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, a invenção, e opor repetição à invenção no campo freudiano. Isso poderia dar ocasião de fazermos a nós mesmos algumas críticas: não é seguro que a proporção entre repetição e invenção seja a melhor possível no campo freudiano e, de modo geral, no campo psicanalítico. Em psicanálise, inventar como Lacan não significa apagar o anterior. Pelo contrário, ao ler, ao estudar as "Três contribuições à psicologia da vida amorosa"² de Freud, o texto "A significação do falo"³ merece ser impresso como a quarta contribuição. Freud escreveu três e podemos dizer que, seguindo os mesmos lineamentos, a mesma lógica, Lacan completou o ternário com "A significação do falo". Esse texto repete, de certo modo, a "Psicologia da vida amorosa" e, ao mesmo tempo, completa o funcionamento conceitual apresentado por Freud. Em Lacan, não há fundamentalmente uma depreciação do amor. Há concepções do final de análise que apresentam esse final como se se tratasse de curar-se do amor, o que implica a identificação com o pai morto. Sobre o pai de "Totem e tabu" ninguém disse que ele amava; diz-se que ele gozava. Identificar-se com o pai morto é uma

versão do "curar-se do amor". Certamente os analistas que seguem essa orientação não pretendem curar-se do ódio e tampouco da ignorância. Há outro final de análise, aquele que Lacan nos mostrou, no qual não se trata de curar-se do amor; trata-se, em termos psicanalíticos, de uma transformação da transferência, não do seu desaparecimento. É um final de análise no qual a descoberta de **A**, a descoberta de que não há Outro do Outro, de que não há Outro, dá lugar, pelo contrário, a uma invenção. Talvez sim, curar-se do amor, mas do amor como repetição.

Após essa introdução séria, vamos tomar o primeiro dos três casais: Adão e Eva, ou seja, a primeira "flechada" da história humana. Eles não sabiam o que era uma flechada. Na realidade, temos dados para dizer que houve uma flechada do lado de Adão, mas não sabemos se ela existiu do lado de Eva. Talvez ela tenha tido sua flechada com a serpente, o que já introduz certa dissimetria. Dou minha versão da história de Adão e Eva, aceitando desde já outras possíveis propostas de interpretação. Não tenho nenhum dogmatismo sobre a estrutura de Adão e Eva.

Todos conhecem a história da costela a partir da qual Deus fez uma mulher; pelo menos se diz isso nas traduções francesas, não tive tempo de verificar no texto em hebreu. Frequentemente se diz que Deus fez a mulher. Talvez Deus tenha lido Lacan. A tradução francesa diz, além disso, que Deus leva uma mulher ao homem, o homem. É o momento da olhadela. Deus leva Eva a Adão, e Adão fala. É notável. Adão se une a Eva e fala. É preciso ver em que termos se expressa. Traduzi para o espanhol o texto francês na versão de Rachi, grande comentador de textos sagrados: "Aquele, esta vez, é o osso de meus ossos, a carne da minha carne. Aquele, chamada mulher, porque foi extraída do homem". Se Deus talvez tenha lido Lacan, seguramente Adão não havia lido Freud, o que não o impede de descrever muito bem a escolha de objeto chamada narcisista. Sua primeira

declaração é reconhecer, em Eva, a si mesmo, o que há de comum, de parecido entre ele e ela. Podemos notar a vantagem de Adão em relação a nós, o restante dos homens: ele não podia confundir Eva com sua mãe. Mas essa vantagem talvez tenha um inconveniente: considerar Eva como Deus, o pai, ou seja, ele aceitou ser dirigido por ela.

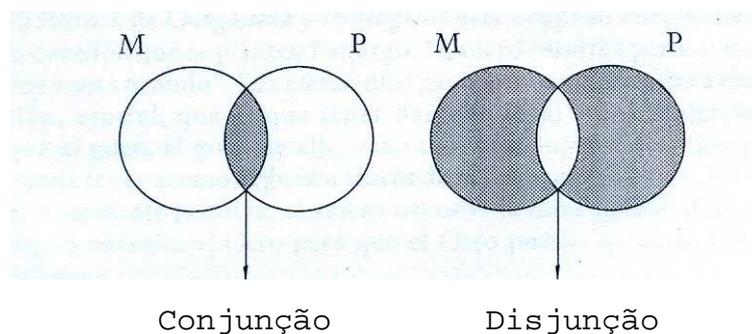
Pois bem, Rachi nota que se se emprega a palavra "aquela", se se diz "esta vez" é porque Eva não foi a primeira: ela, a primeira mulher, tinha rivais. Para Rachi isso implica que Adão, nosso comum pai humano, tivera relações sexuais com todos os animais domésticos e selvagens, mas não ficou satisfeito com essas relações que ele não sabia serem contra a natureza. Não há razão para pensar que a copulação de Adão com animais era *contra natura* antes do aparecimento de Eva. Ele não ficou satisfeito com isso, diz Rachi, até que conheceu Eva; nesse momento se supõe que Adão esteja satisfeito. Podemos dizer que isso faz de Eva uma coisa diversa de uma fêmea. Com seu aparecimento, ocorre algo, uma transfiguração da sexualidade. Porém o fato, não muito conhecido, de que Adão tivesse tido relações com animais dá novo realce à sedução da serpente. É interessante notar que, desse modo, a sexualidade de Adão começa pela perversão. E para onde Adão se volta senão para o Pai? A mulher que terá lhe chega do pai, na primeira flechada. Também é interessante que ela tenha sido desprendida, claramente, do corpo do homem. E que Adão, no momento de vê-la, não tenha dito: "Prefiro a cabra". Isso significa que já na primeira e até esse momento a única flechada, trata-se de uma escolha de objeto, porque já tinham existido outras, não humanas. Não vou desenvolver tudo o que pode ser deduzido dessa primeira flechada. Notamos que o que interessa primeiramente Adão é que ela tem um ar familiar, que certamente condiciona a escolha de objeto narcisista, mas também a escolha de objeto anaclítica, ou seja, quando a escolha de objeto se

dirige à mãe. Encontramos nisso a temática desenvolvida por Freud em sua "Psicologia da vida amorosa". Devemos dizer que o caráter do amor como repetição já se encontra nos "Três ensaios..."⁴, em 1905. A depreciação do amor da parte de Freud parece indubitável ao lermos o que é, para ele, o protótipo, *Vorbild*, de qualquer relação amorosa, de toda *Liebe*. O protótipo de toda relação amorosa ou erótica - essa palavra é uma tradução melhor - é uma criança que suga o seio da mãe. Se essa fosse a definição do amor, poderíamos dizer que é uma depreciação do amor. Por excelência define-se o amor como a repetição dessa satisfação primária. Podemos considerar o que há de insatisfatório nessa definição se a tomamos como uma definição desenvolvida do amor. Amar não é apenas gozar a partir de um objeto. É um curto-circuito na definição do amor defini-lo imediatamente pela relação entre um sujeito como faltoso de gozo e um objeto que constitui essa satisfação. O amor desenvolvido necessita que esse objeto seja encontrado em uma pessoa. É o que escrevemos como *i(a)*, uma pessoa com seu caráter imaginário e não puramente objetual. Essa é a ambiguidade do *Liebe* freudiano: por um lado é amor e, por outro, inclui o gozo. O seio, é preciso dizê-lo, não é uma pessoa. Por isso é tão divertida a novela de Philip Roth, escritor norte-americano, chamada *O peito*, que imagina a relação propriamente amorosa de um homem com um peito sozinho. A escrita literária permite isto: falar de um peito como uma pessoa e mostrar a relação amorosa do personagem como esse peito personalizado. Também vemos isso, por exemplo, em Gogol, em seu conto "O nariz", que narra o encontro de um personagem com um nariz que anda pelas ruas. Podemos dizer que encontramos o fetichismo nisto: personalizar o objeto ou dar mais importância a ele do que à pessoa.

Vale a pena pensar o exemplo que Freud apresenta, em seu artigo de 1927⁵, da escolha do fetiche. Ele nos

apresenta as circunstâncias acidentais, contingentes que conduziram o sujeito a essa escolha, que é precisamente a do nariz. Quer dizer, o que Freud chama *Auswahl des Fetisch*, a escolha do fetiche. É muito curioso o fetiche que Freud toma como paradigma. Ele não toma o sapato, não toma uma coisa material, toma uma coisa quase insubstancial - como sabem, toma um brilho no nariz, o *Glanz auf der Nase*. Isso depende de muitas coisas, é algo infinitamente fugidio, depende da luz ou do tempo que a mulher tenha para colocar um pouco de pó. E esse é o exemplo paradigmático tomado por Freud. Esse fetiche, nosso objeto a como causa de desejo, é ilustrado de maneira clara nesse exemplo, no qual não se trata apenas de uma coisa quase insubstancial ou de uma substância quase imaterial, mas que só depende de um jogo significante. Como sabem, o feticheista apresentado por Freud foi educado na Inglaterra, e a frase inicial era *Glance on the nose*, ou seja, "uma olhadela no nariz". É pela homofonia e pelo mal-entendido da tradução que se produz o que Freud chama de fetiche. Isso demonstra a tese lacaniana de que o significante estrutura o desejo. Esse fetiche se produz através de uma homofonia entre as duas línguas. Nesse exemplo, o fetiche é o nariz, mas, como diz Freud, enquanto deslocamento do nariz debaixo da saia. Nisso o fetiche freudiano é uma lembrança encobridora e constitui o que Freud chama de um substituto do pênis, mas não de qualquer um; esse nariz debaixo da saia é precisamente um deslocamento, o substituto de um pênis que não existe. Este é o paradoxo: poderíamos dizer que esse nariz debaixo da saia é um morcego que só existe à luz do dia deslocado; à luz do dia, o nariz debaixo da saia não existe como tal. Trata-se de algo que fundamentalmente se esconde no Outro, de algo que não pode suportar a luz do dia, que só existe enquanto escondido. E, no momento em que se tenta vê-lo, não passa de um brilho.

Não se trata de um sintoma, um fetiche não é um sintoma, não causa nenhum mal. Um brilho no nariz não é algo muito difícil de encontrar em uma mulher. Os fetichistas freudianos podem ficar muito contentes, porque isso lhes facilita o desejo. Só é necessário obter de uma mulher que não ponha pó no nariz. Não sei se Adão iria querer Eva com o nariz brilhante. Além disso, o fetiche freudiano se produz entre dois significantes, é a estrutura desse mal-entendido que o produz. Tudo o que Freud apresenta na "Psicologia da vida amorosa" como condições de amor apresenta-se também entre dois significantes, como algo que emerge entre dois. Não repetirei agora minha palestra no Simpósio; vocês podem lê-la, pois está publicada. Apresentei e simplifiquei ali as duas primeiras contribuições de Freud.



Na primeira, ele nos oferece a conjunção entre a significação da mãe e, para dizê-lo rapidamente, a significação da puta. Na segunda contribuição, apresenta ao contrário, a disjunção entre a significação da mãe e a da puta. O cinza no esquema significa que essa zona está ocupada. O que agora me parece mais importante é que se trata de um jogo entre dois significantes; essa é uma estrutura comum, na qual o que ocupa o lugar de causa, como objeto, sempre se produz entre dois significantes.

A temática da condição de amor já se apresenta no primeiro texto de Freud a partir de duas condições articuladas: a do terceiro prejudicado e a que ele chama de *Dirnenhaftbarkeit*, que pode ser traduzido como a "condição de puta".

Margarida e Fausto

Isso é, rapidamente, o que apresentei em minha palestra do ano passado e que agora posso não repetir, mas, ao contrário, ir além.

Primeiro, a temática das condições de amor se situa no lugar onde se coloca a pergunta: como reconhecer a mulher, como reconhecê-la como mulher? Essas condições se introduzem pelo fato clínico, apresentado por Freud, de que nem todas as mulheres convêm ao homem, o que equivale a dizer que não existe o significante da mulher. Assim, as condições de amor para os dois sexos se inscrevem no lugar exato onde não há relação sexual, surgem no lugar do que seria a relação sexual formalizada, no lugar da relação sexual que não existe. O interessante nas duas primeiras Contribuições de Freud é que nessa "Psicologia da vida amorosa" só há referência à castração de forma negativa. Ou seja, sob a forma não do impossível, mas do tema da impotência generalizada. Na terceira Contribuição, "O tabu da virgindade", logo se introduz a temática da castração. O artigo "A significação do falo", de Lacan, considerado como a quarta na série das três contribuições à "Psicologia da vida amorosa", constitui uma retroação da temática da castração, reintroduzida na psicologia da vida amorosa.

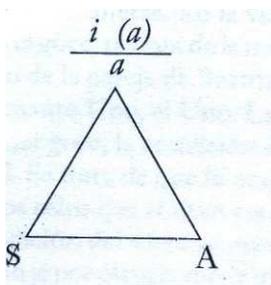
O prejuízo ao terceiro é a primeira condição destacada por Freud no tipo peculiar que ele nos apresenta em sua primeira Contribuição. Trata-se de um sujeito para o qual a *Liebesbedingung*, a condição amorosa, é que a mulher em questão seja de outro homem. Isso se articula à segunda

condição que, como diz Freud, é secundária e não é encontrada sem a primeira: que não se trate de uma mulher muito fiel, que seja uma mulher de má reputação. Traduzimos a palavra *Dirne*, utilizada por Freud, como "mulher de má reputação", "mulher leviana". Na ópera *Carmem*, por exemplo, isso é representado pela personagem da vendedora de cigarros através do fumo. Mulheres levianas fumam e o fumo representa o caráter mesmo de sua vida sexual. Essas são as duas condições. Freud dá uma interpretação edípica que ele constrói a partir da conduta do sujeito em questão: a supervalorização atribuída ao objeto e a vontade do sujeito de salvar essa mulher da ruína. De maneira extraordinária, Freud demonstra no tema da salvação o equivalente a ter um filho. Não retomarei isso que já foi muito comentado.

Creio que há outra interpretação além da puramente edípica, uma interpretação mais geral a partir da qual a edípica parece particularizada. Tal interpretação se vincula ao fato de que, já em Adão, é Deus que lhe traz Eva. Ali também a temática é a da mulher que pertence ao Outro. Esse outro homem mencionado por Freud, esse terceiro, não é um duplo do sujeito em questão, não se trata, muito ao contrário, de que o sujeito tenha ciúmes desse homem, porque - e isso é fundamental - esse homem é necessário enquanto é ele que tem direito à mulher em questão. Esse marido, digamos, tem o direito do seu lado e é fundamental para o sujeito estar numa relação ilegítima. O outro homem mencionado por Freud não é um duplo do sujeito, mas sim o proprietário legítimo da mulher. De tal forma que a mulher aparece como um bem desse outro, que merece ser chamado de Outro, porque não é um duplo do sujeito, mas alguém que tem o direito do seu lado, estando a mulher na posição de um bem, do ter desse homem, sua possessão.

Creio que podemos ler imediatamente aqui uma disjunção entre direito e gozo. Nessa configuração, a condição de

acesso ao gozo é *não ter direito a*. Ter direito a uma mulher mata o gozo. O Livro 3 de *Gargantua e Pantagruel* é ocupado inteiramente pela questão que Panurgo se coloca: "Quero me casar, mas se me caso, serei corno". As trezentas páginas são dedicadas a essa questão, central, que é: ter direito legal a uma mulher assegura que o gozo, o gozo dela, estará em outro lugar. Vemos que só podemos ter acesso ao gozo através da infração à lei. Isso tem uma vertente positiva: o sujeito precisa da interdição do Outro, necessita do Outro para que ele possa indicar-lhe o caminho do gozo.



Na condição chamada do terceiro prejudicado já temos um ternário: o sujeito, o Outro, barrado ou não (segundo ele seja considerado do ângulo do ter ou do engano) e o objeto, encarnado na pessoa que deve ter uma relação com esse Outro. Para ser interessante, deve ser o objeto do Outro, deve ser tomado do Outro: é isso que lhe dá valor. A propósito da vida erótica, não há um termo que se encontre mais em Freud do que *Wert*, *valor*. Sempre é preciso saber o valor do objeto, ou seja, o que o Outro está disposto a pagar por ele. Em outros tempos era mais fácil saber este preço, por exemplo, uma certa quantidade de camelos, etc., o que permitia orientar-se no mundo erótico de maneira clara. Tratando-se de camelos era mais difícil a hiperinflação. Não proponho isso como solução econômica!

É claro que, em Freud, não se trata somente do papel, famoso, da denegação, a *Verneinung*, do juízo de existência,

e do juízo de atribuição, mas sim de que na vida erótica trata-se da questão do juízo de valor. Lacan desenvolveu a questão do juízo de valor a respeito do gozo mediante a oposição entre valor de uso e valor de troca. Quando Lacan desenvolve essas duas categorias, ele se apoia no *Wert* freudiano. O próprio Freud fala de *Sexualwert*, do valor sexual. Sempre encontramos em Freud o termo *depreciação*, que é um termo de valor, ou *supervalorização*. A libido freudiana é o valor psíquico a partir do qual se pode pensar o que atribui valor.

Em Paris, fiz uma pequena investigação sobre a palavra *Dirne* (prostituta) utilizada por Freud. Na verdade quem fez é alguém que trabalha comigo, Franz Kaltenbeck. Supus que essa palavra seria encontrada no *Fausto*, de Goethe; ela é efetivamente encontrada ali e em um momento muito destacado. Também poderíamos ter incluído em nossa lista de exemplos Margarida e Fausto. Nesse caso, trata-se do momento em que Fausto fala pela primeira vez a Margarida: "Meine schöne Fräulein" ("Formosa senhorita"), ao que Margarida responde: "Não sou senhorita nem formosa". Mais tarde, quando Mefistófeles a visita na casa de Marta, também a chama de Fräulein, e Marta diz: "O senhor toma você por uma senhorita". E ela responde: "Sou apenas uma pobre juvenzinha...". Estes são os termos: *Fräulein* (senhorita) e *Blutjung* (juvenzinha). Mas quando Margarida não está presente, Fausto diz a Mefistófeles num tom mais imperativo: "Escuta, deves arranjar-me essa *Dirne*". Este é o emprego de *Dirne*: à garota, ele diz Fräulein, etc., mas ao Outro diz: "Tu deves arranjar-me essa *Dirne*". Há vários outros exemplos. O interessante do termo, que conhecemos graças à investigação de Kaltenbeck, é que se trata de uma palavra utilizada desde o século XVI, que antigamente significava "mulher pública", "puta", "prostituta". Em *Hochdeutsch*, o alemão antigo, parece provir da palavra

Thiorna que significava virgem, ou seja, é uma dessas palavras antitéticas como *heimlich*, etc.

Freud toma o tema da *Dirne* como uma repetição deslocada da mãe, já que há uma infidelidade da mãe em relação ao filho com o pai, seu parceiro sexual. Mas isso pode ser lido de outra maneira. Essa suposta *Dirne* está sofrendo uma difamação - tomo Lacan -, a difamação da mulher. Quando se diz *Dirne* trata-se da seguinte condição de amor: que a mulher em questão não seja toda para o sujeito; é uma versão da exigência de que a mulher não seja toda para poder ser reconhecida como mulher.

Essa separação entre propriedade e gozo é uma separação entre a ordem do significante, necessário para constituir o direito, e aquilo que escapa, como gozo, à captura pelo simbólico. É uma maneira de dizer que, no nível do gozo, a mulher escapa, a mulher foge. Desse modo, as mulheres são infiéis, mesmo quando são fiéis. Elas são essencialmente infiéis.

Talvez seja uma estupidez, uma zombaria, uma ingenuidade dizer a uma mulher: "Tu és minha mulher". A única coisa séria que pode ser dita, e isso é uma generalização do que Freud apresenta com a condição do terceiro prejudicado e a condição da *Dirnenhaftbarkeit*, é: "Tu és a mulher do Outro, sempre, e eu te desejo enquanto és a mulher do Outro". Tudo o que Freud diz sobre a vida amorosa conflui na temática de que a mulher, para ser reconhecida, deve ser do Outro.

Isso é também o que comenta o mito de "Totem e tabu". Todas as mulheres como tais pertencem ao Outro. O pai morto é o primeiro terceiro prejudicado, prejudicado até o assassinato, prejuízo definitivo. Esse mito freudiano é uma ilustração, um pouco brutal, de que uma mulher é sempre a mulher do Outro. Podemos simplificar então e fazer uma lógica do que Freud diz ali: na vida erótica, trata-se sempre da condição do Outro.

Podemos dizer isso de duas maneiras. Na vertente do amor puro, quer dizer, em disjunção com o gozo, trata-se da mulher do Outro como Um. Ontem tomei o exemplo do casal Beatriz e Dante. Beatriz aparece do lado do Outro enquanto Um, o Um. A temática da Virgem está desse lado. Do lado do gozo, vemos a condição do Outro na segunda condição de Freud. Trata-se de que a mulher, potencialmente - e esse é o fundamento dos ciúmes que rodeiam essa escolha de objeto - seja a mulher de todos. A condição do Outro pode ser interpretada, por um lado, como a mulher do Um e, por outro, como a mulher de todos, de qualquer homem. Assim, o ciúme pode surgir de qualquer lado. Usa-se esse argumento contra as mulheres, é o que se traduz pela palavra *Dirne* quando essa lógica que construí é substituída pela censura moral.

Em nossa cultura existem mulheres desejadas por todos os homens. Todos aqueles que sejam homens desejam essa mulher. Esse foi o papel que, em certa época, desempenharam as famosas prostitutas e que, agora, de maneira mais distante, reconhece-se na escolha periódica da mulher mais bela do mundo. Designa-se uma a partir da qual é possível definir. Esse é o fundamento da supervalorização mencionada por Freud. Podemos dizer então que se define a mulher que falta aos homens. Essa mulher que falta aos homens, aquela que no Caso Schreber se constitui como a mulher que falta a Deus, pode assumir a figura da Virgem ou da Grande Prostituta. Essa temática é mais profunda do que a do terceiro prejudicado. Significa que a mulher, como tal, é não toda para o Um, que na solidão ela é parceira de seu gozo. Daí os ciúmes são um fato de estrutura. É possível apresentar os ciúmes como consequência da castração. Nesse sentido, o *Penisneid* é uma forma primária dos ciúmes. Mas a mulher sempre engana o homem a partir da estrutura do seu gozo. E ela o engana de um segundo modo como Outro do amor, quer dizer, duplica a pessoa do homem pela exigência do

amor. Por encontrá-la não-toda, o homem tem a tendência a buscar uma segunda, que não completará mais sua noção da posição da mulher. Creio, no entanto, que a condição do não-todo constitui algo mais profundo do que a do terceiro prejudicado.

A condição de Rousseau

Não falarei de Manon Lescaut porque não teremos tempo. Vou me limitar a dar uma ideia da vida amorosa de Jean-Jacques Rousseau, a condição de amor para Jean-Jacques Rousseau. Não é muito difícil estabelecer qual era sua condição de amor. Ele teve apenas um grande amor, como ele próprio diz: "O único grande amor da minha vida". A história desse único amor está condensada no Livro IX de *As confissões*⁶. O próprio Rousseau deixou estabelecido o que foi sua fantasia desde seus primeiros anos. Educado por uma mulher, uma governanta, ele encontrou um gozo, seu gozo, ao ser castigado por ela. Podemos dizer que Rousseau, que terminou indubitavelmente paranoico, começou por um modo de gozar claramente perverso, masoquista. A frase era: "Receber uma chicotada da mão de uma mulher", uma surra. Para Rousseau, isso é uma fantasia, porque ele não parece ter encontrado o gozo real descrito nessa fantasia. Não parece que ele o tenha encontrado muitas vezes e não creio que nessa época teria sido mais difícil conseguir isso do que na nossa, para aqueles que realmente querem ser surrados por uma mulher. Na literatura erótica do século XVIII temos numerosos exemplos dessas práticas. Ao contrário, como o próprio Rousseau diz, parece que em relação a isso ele sempre foi tímido, isto é, foi mais uma fantasia do que uma prática. Quanto ao famoso exibicionismo de Rousseau, como vocês sabem, ele conta em suas *Confissões* o impulso que teve em certo momento: o prazer de mostrar suas nádegas às senhoritas ou senhoras, ao modo do

exibicionismo. Foi um exibicionismo transitório, que logo desapareceu, e que mais do que simples exibicionismo me parece uma oferta tímida às mulheres para que o surrassem se quisessem. Ou seja, mais um esforço para realizar a fantasia a partir de uma demanda silenciosa do que um exibicionismo. Parece que em sua vida, ele sempre considerou essa fantasia com óculos, como diz Lacan - isto é, sem realizá-la na prática. Efetivamente, parece que sempre houve para ele uma barreira que o impediu de fazer tudo o que queria.

É interessante que a fantasia de ser surrado por uma mulher tenha sido a de um pensador revolucionário, que dedicou sua vida a explicar que um homem nunca deve aceitar o domínio de outro homem. Foi um discurso que teve consequências extremas, que encarna realmente a força revolucionária do povo francês. Isso ocorreu depois de sua morte, mas a morte de um pensador não o impede de impelir uma força. Impulsionou a força revolucionária e foi a referência máxima de Robespierre, Saint-Just, etc. Teve acentos inesquecíveis para condenar como tirania toda dominação de um homem. É claro que, para ele, há uma diferença entre ser dominado por um homem e ser dominado por uma mulher. Essa fantasia masoquista ligada a uma mulher se articula claramente ao discurso revolucionário que repele toda dominação de um homem. Não tenho tempo de ler algumas passagens que mostram a identidade de vocabulário que ele emprega quando se trata do gozo de ser surrado por uma mulher e do horror de ser dominado por um homem. Tratei disso em Paris. Poderíamos utilizar as frases propostas por Freud como transformações gramaticais a propósito da paranoia, tomando como ponto de partida: "Eu o amo (um homem)". É claro que em sua vida amorosa encontraremos, por inversão do objeto - como está expresso em Freud: "Eu a amo (uma mulher)". E no momento de uma inversão, disso resultará: "Todos me odeiam". Podemos

pensar a partir do que foi dito, qual é a condição de amor de Rousseau, que traços apresentará a mulher que será o único amor de sua vida, distinta de sua esposa Teresa, de quem fala como uma amiga. Qual será o traço previsível da mulher da flechada, da única flechada de Rousseau? Desde já devemos pensar que será uma mulher dominadora. É certo que ele passa o final de sua vida com sua esposa na solidão, e só vê à sua volta um monte de inimigos.

Ao falar do único amor de sua vida, refere-se a ele como um episódio que produziu o conjunto de suas infelicidades; foi realmente uma reviravolta em sua vida. Esse episódio foi seu amor por Madame d'Houdetot, um dos maiores episódios da literatura de amor em francês. O livro IX de *As confissões* pode ser lido, da primeira à última página, como se fosse uma tragédia. Há uma unidade absoluta de lugar, pois toda essa história de amor transcorre na pequena casa que uma grande dama, uma duquesa, Madame d'Epinau, havia mandado construir especialmente para Rousseau. Essa duquesa estava com Rousseau no campo, e este diz: "Oh! Que encantador é tudo isso!". No estilo da época, diz: "Que refugio delicioso seria para mim". Madame d'Epinau não respondeu. Alguns meses depois voltaram a se encontrar, e ele diz: "Oh! Tudo está mudado, há agora aqui uma linda casa!". A duquesa lhe responde: "Meu amigo, ela é para você. Você será feliz nessa casa [...]". Eles falam no estilo da época.

O livro IX de *As confissões* começa pela frase: "A impaciência que tenho para ir a Ermitage [...]" - trata-se do nome da casa. Ele perdeu todos os seus amigos; começa a entrar no caminho que o conduzirá à solidão e à loucura. O interessante de seu amor por Madame d'Houdetot é que ele nunca foi consumado. Parece que ele sentiu um gozo infinito a partir dos beijos de Madame d'Houdetot. Se lermos nas entrelinhas, entendemos que na excitação de ir encontrá-la, Rousseau, no caminho, se masturbava. Esse é o lado de gozo

nessa história. Beijos, palavras de amor e, no momento de ir encontrá-la, esse gozo autoerótico. Como ele diz, "deliciosamente os beijos de Madame d'Houdetot me reanimavam [...]" após a masturbação. No final dessa história de amor, eles se separam. Ele devolve a ela as cartas de amor e lhe pede as que lhe enviara; ela responde que queimara a correspondência. Isso é interessante por ser exatamente homólogo ao se passou com André Gide, exemplo comentado por Lacan. Conhecemos os gritos de André Gide quando sua mulher, ao descobrir seu relacionamento homossexual, queima a correspondência que ele lhe enviara durante anos. Há assim um precedente em Rousseau, quando Madame d'Houdetot lhe diz que queimara essas cartas, e ele responde que não acreditava nisso, que era impossível queimar cartas tão lindas como as suas. Diz que são mais lindas do que as cartas fictícias de *A nova Heloísa*⁷. E que, ao começar essa correspondência, tinha medo de que alguém por meio dessas cartas pudesse zombar dele. Aqui já se faz escutar a perseguição.

Mas passemos à flechada entre Madame d'Houdetot e Rousseau. Nessa flechada se esconde uma condição de amor muito precisa que podemos antecipar: trata-se de um traço de dominação, um traço masculino em Madame d'Houdetot. Encontramos uma frase de Rousseau em que ele diz que, quando a viu primeira vez, ela estava de botas. Há um traço de dominação no momento de vê-la: ele a situa na cena com botas. Ela é amante de M. de St. Lambert, amigo de Rousseau. Ele o diz, em uma frase admirável: "Suas relações com M. de St. Lambert, com quem eu mesmo começava a tê-las, a tornaram ainda mais interessante para mim". Tudo se esconde na palavra "relações", seu vínculo tem o mesmo nome que o vínculo de Madame d'Houdetot com St. Lambert.

Na segunda vez, ela chega a cavalo. Rousseau diz que ela estava a cavalo e "vestida de homem". "Apesar de eu não gostar absolutamente dessas mascaradas, capturou-me o ar

novelesco dessa dama e, unicamente nessa vez, foi o amor". Quando descreve Madame d'Houdetot, ele não pode destacar nenhum traço de beleza extraordinária; ao contrário, diz que ela era pouco magra, etc. Na verdade diz que, antes de conhecê-la, estivera bêbado de amor sem objeto e que esse objeto se fixou nela. Descreve a existência da condição de amor vazia e a *tiquê* que, em determinado momento, enquadra uma mulher exatamente nesse lugar. Do mesmo modo, ele pode compará-la à personagem Julie da novela que escreveu. Nessa novela há também uma mulher entre dois homens e o herói da novela de Rousseau deve renunciar à mulher, a quem ama mais do que tudo, já que ela deve se casar com um homem mais velho; depois, os três vivem num clima de boa amizade, juntos. Encontramos muito precisamente, na condição de amor de Rousseau, a necessidade da presença de outro homem. Mas diferentemente da condição erótica, o que esconde o amor, muito preciso, por uma mulher é o vínculo erótico com o homem que é proprietário dessa mulher. Esse é o giro que toma a condição de amor no caso de Rousseau. A configuração que temos na vida de Rousseau assim como em sua novela é: "uma mulher que pertence a outro homem, e que eu amo"; com a ambiguidade, o equívoco presente nesse "... e que eu amo". É a mulher, mas com uma duplicação no homem que está atrás. Podemos dizer, em termos freudianos, que o "Eu o amo" (um homem), ativado pela presença do St. Lambert permite o nascimento da escolha de objeto, que se fixa em uma mulher vestida de homem, talvez com um chicote na mão. A ponto de Rousseau dizer claramente que, quando começa a amar Madame d'Houdetot, é por contágio do amor dela por St. Lambert. Começa a amar a mulher por contágio do amor da mulher por seu amante. Rousseau diz: "[...] ela me inspirou por ela mesma tudo o que ela expressava em relação ao seu amante". Nessa frase, de maneira que podemos chamar matemática, Rousseau nos explica que ele está identificado com a posição da mulher apaixonada. Quer dizer, quando vê

diante de si a mulher apaixonada por outro homem, ele pode amar por sua vez essa mulher a partir de sua identificação com a posição da mulher em relação ao homem. Ele diz o tempo todo que ela é o objeto que mais ama no mundo, mas que a virtude de Madame d'Houdetot sempre será respeitada. Seguramente o que apresenta como testemunho de sua virtude se explica na realidade porque o verdadeiro objeto de seu interesse está detrás. Quando garante que jamais transaria com Madame d'Houdetot, podemos acreditar nele. Ele diz: "Nunca considerei o amante de Madame d'Houdetot como um rival, mas sim como um amigo". Essa é a estrutura da vida erótica do inspirador da Revolução Francesa.

Há uma questão que será a prova do que dissemos. Comecei a história pela casa onde tudo isso de desenrola, L'Ermitage. Falei da duquesa d'Epinay, a mecenas, aquela que lhe dá a casa, etc. Poderíamos nos perguntar porque ele não se apaixona por ela, já que ela tem, claramente, muito mais uma posição de senhor do que a pequena Madame d'Houdetot. Ao contrário, vemos Rousseau sempre se queixar de ser tratado como um empregado por Madame d'Epinay. Ele não aceitava isto, mas ficar sob o domínio de uma mulher deveria ser uma coisa agradável, gozo. Como explicar isso? Se formos lógicos, se não nos detivermos no sentido comum e na aparência, se aceitarmos que a estrutura engana, só podemos antecipar uma conclusão: que prova temos que Madame d'Epinay era uma mulher? Logicamente, nessa estrutura, não se tratando já da percepção evidente da duquesa d'Epinay, podemos pensar que, no inconsciente - e talvez mais abertamente - ela tinha o valor de homem para Rousseau. Essa questão é crucial, porque a partir do conflito com Madame d'Epinay, pela curiosidade dela sobre a relação de Rousseau com Madame d'Houdetot, pelos rumores de que ele se apaixonou pela amante de seu amigo, finalmente Rousseau cai completamente na paranoia.

Reli, então, *As confissões*, para ver se havia algo no texto que permitia sustentar essa dedução lógica. Encontrei isso em janeiro. Há uma passagem, que não consegui achar na edição em espanhol e não vou poder lê-la traduzida. Mais para o final, ele diz que ela sempre queria que ele fosse vê-la para discutir o que não o interessava tanto, que se tratava dos grilhões de Madame d'Épinay. Ele descreve tudo isso com um vocabulário de rebelde, descreve claramente a presença dela como uma tirania: "Fiquei à vontade ao lhe dar pequenos cuidados, dar-lhe pequenos beijos fraternos que não me pareciam sensuais. Ela era muito magra, muito branca e tinha seios chatos como a minha mão. Apenas esse defeito teria sido suficiente para gelar-me". Esta é a frase decisiva: "Jamais meu coração e tampouco meus sentidos puderam ver uma mulher em alguém que tivesse seios chatos".

A senhora d'Épinay era o equivalente a um homem.

Tradução: Elisa Monteiro

¹ Essa conferência foi publicada primeiramente em Miller, J.-A. (1991 [1989]). *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, pp. 19-34 e depois em Miller, J.-A. (2009[1989]). *Conferencias Porteñas: desde Lacan*, (2). Buenos Aires: Paidós, pp. 29-43.

² Freud escreveu três contribuições à psicologia do amor. Freud, S. (1980[1910]). "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)". In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XI, pp. 147-157; Idem. (1980[1912]). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" (Contribuições à psicologia do amor II)". *Op. cit.*, pp. 159-173; Idem. (1980[1918[1917]]). "O tabu da virgindade" (Contribuições à psicologia do amor III)". *Op. cit.*, pp. 175-192.

³ Lacan, J. (1998[1958]). "A significação do falo. Die Bedeutung des Phallus". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 692-703.

⁴ Freud, S. (1980[1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". *Op. cit.*, vol. VII, pp. 121-252.

⁵ Idem. (1980[1927]). "Fetichismo". *Op. cit.*, vol. XXI, pp. 173-185.

⁶ Rousseau, J.J. (1832). *Les confessions*. Paris: Lebigre Frères Libraires. Disponível em <http://books.google.com.br>.

⁷ Idem. (1761). *Julie ou la Nouvelle Héloïse*. Romance em forma epistolar. Amsterdam: Marc-Michel Rey. Disponível em <http://books.google.com.br>